



Atualidade do poeta Paulo Colina

Oswaldo de Camargo

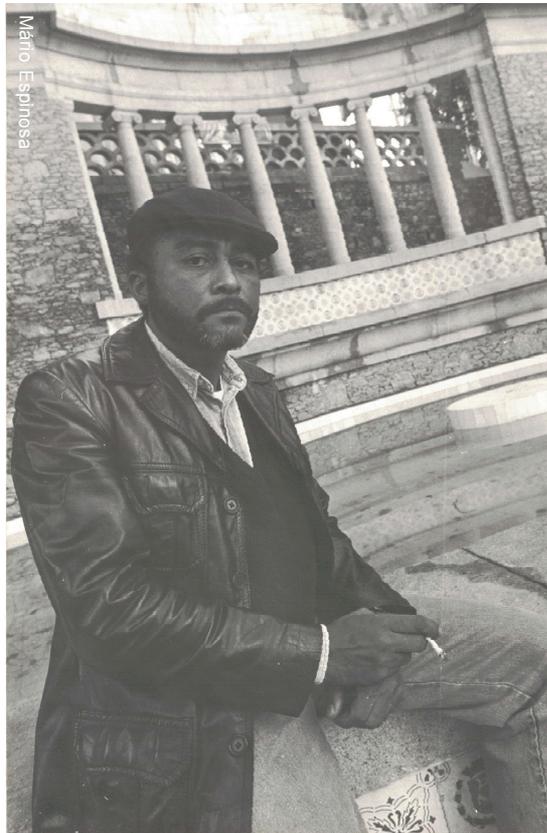
LEMBRAR neste espaço de *Linguagem Viva* os vinte anos da morte de Paulo Colina, poeta, contista, compositor de música popular e ativista dos mais entusiasmados e persistentes na divulgação da cultura negro-literária brasileira, é ocasião para apontar a importância de seu trajeto e sublinhar alguns aspectos de seu legado.

Teve a sorte de nascer quando o tema literário negro, sobretudo com os livros do poeta e jornalista preto Lino Guedes já se apresentava, com algum êxito, na Literatura brasileira, desde os anos 1930, e a produção literária de Luiz Gama, Cruz e Souza e Solano Trindade começava a dar rumo a uma geração que nos anos 1960-70 decididamente privilegiaria a temática negra na Literatura do País, com consequências que persistem até hoje, levando a uma floração poética que segue crescendo em número e qualidade.

Entre os que levaram adiante essa literatura em que o negro aceitou o desafio de ter sua fala própria e seu tom de afrodescendente situam-se em importância inquestionável a obra de Paulo Colina e sua atuação na vida literária, sobretudo em São Paulo.

De fato, o poeta de *Plano de Voo* foi não só um notável artista da palavra, mas também um autêntico agitador cultural pró-negro. Foi com ele, mais Abelardo Rodrigues, Cuti (Luiz Silva) e o escritor argentino Jorge Lescano, que fundamos, em 1978, no Bar e Restaurante Mutamba, no centro velho de São Paulo, o Grupo Quilombhoje, que hoje edita os *Cadernos Negros*. Foi a Paulo Colina que se deveu a notável atuação do escritor afro-brasileiro em duas Bienais Nestlé de Literatura e a marcante divulgação fora da coletividade negra da produção poética de jovens escritores afro-brasileiros com *Axé-Antologia Contemporânea da Poesia Negra Brasileira*, prêmio, em 1982, da Associação Paulista de Críticos.

Sua presença na União Brasileira de Escritores tornava-o apto a uma visão clara e objetiva da necessidade de o escritor negro inserir-se, sem perda de identidade, na vida geral da literatura do País.



Paulo Colina

Um dos poetas da coletividade mais preocupados não só com o conteúdo negro, mas também com a forma estética de expressá-lo, o que escreveu e publicou testemunha sua convicção de que arte não se improvisa, nem é tão só sentimento e intuição. Sejam lidos, como prova disso, a prosa de *Fogo cruzado*, de 1979, forte e crua muitas vezes; sua estreia em poesia, com *Plano de voo*, 1984, obra otimamente realizada; *A noite não pede licença*, bom lírico-social, publicado em 1987; e *Todo o fogo da luta*, de 1989, último deles editado. Síntese dessa preocupação são os seus versos sempre citados:

“Bastaria ao poema apenas/
a cor da minha pele?”

Muito se pode escrever sobre Paulo Colina, que na pia batismal recebeu, em 1950, o nome de Paulo Eduardo de Oliveira (Colina foi adotado como prova de amor à sua cidade, Colina, na microrregião de Ribeirão Preto).

Foi homem com todos os conflitos de homem; foi artista, com a missão assumida de corrigir ou melhorar o que estava fincado ao seu redor, muitas vezes mal-afinado com o que deveria ser em justiça e igualdade para todos.

E nesse caminho seguiu, até o fim, como poucos.

Essa, digamos, a sua glória.

(Um poema de Colina)

Perspectiva

Paulo Colina

Ali, calcado contra a parede
da catedral
da Sé,
o homem negro.

Ao seu lado descansam sem rumo,
na calçada,
uma pasta arqueada de mão,
um saco de anagem ocupado
pela metade
e um pequeno embrulho de pano:
(pouco para uma vida)
todos os seus pertences, talvez.

Calcado, ali, contra a parede
da catedral
da Sé,
o homem negro.

Uma ferida enorme, o silêncio
da cidade sobre ele.
Sua perspectiva, até a fronteira
da aba do chapéu.

Não adivinho seus sonhos.
Não sei de sua força.
Seria a espera um ato
de fé?

(Em *Todo o fogo da luta*, págs. 53-54)

Oswaldo de Camargo é escritor, poeta, contista, jornalista, revisor, livreiro, crítico e historiador. Autor de *O carro do êxito*, *O Estranho*, *A Razão da Chama*, entre outras obras.



Pedido Humilde

Rosani Abou Adal

Estamos em luto pelos escritores que faleceram vítima de Covid, desde o início da pandemia. Estamos em luto por todos os brasileiros e povos de todas as raças que partiram com a mesma causa morte, entre outras. Estamos em luto pelas famílias que perderam seus entes queridos.

Imploramos por mais medidas de controle, vacina para todos os brasileiros, para que não faltem leitos nas UTIs e cilindros de oxigênio para nenhum doente. Que toda a população seja testada. Mais remédios sedativos utilizados na intubação de pacientes e que não falte nenhuma medicação. Mais médicos e profissionais da saúde.

Suplicamos também por mais segurança na volta às aulas e que todos os professores e alunos, de todas as idades, sejam vacinados. Que os professores, médicos e profissionais da saúde e da educação tenham melhores salários e mais condições de trabalho.

Que a reivindicação por mais verbas na saúde, educação e cultura não seja apenas uma solicitação sem resposta. Que as verbas não sofram cortes nas respectivas áreas e que tenhamos mais investimentos nas mesmas. Só assim poderemos construir um País mais justo e digno de se viver.

Sem mais palavras, desejamos muita saúde para nossos colaboradores, leitores, assinantes, clientes, amigos, parceiros e para os povos de todas as raças e nações.

Rosani Abou Adal é jornalista, poeta, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo. www.poetarosani.com.br



Xavier

DESMITIFICAÇÃO E / OU A INOCÊNCIA PERDIDA

Ely Vieitez Lisboa

Sempre me foi doloroso quando algum iconoclasta destruiu um mito, que me encantou na infância ou na adolescência.

Mineira, eu amava a figura de Tiradentes, com as barbas e os cabelos longos, a corda grossa no pescoço, o ar de homem bom, que lembrava muito o Cristo. Ele era meu herói, o líder da Inconfidência Mineira, o homem que lutou pela liberdade do Brasil, contra o jugo português. Vibrava com sua valentia, quase a ponto de sair de peito aberto a gritar com entusiasmo: "Libertas quae sera tamen"! Em uma aula trágica de História, no Colegial, o professor destruiu meu herói. Morreu sim, foi esquartejado, salgaram sua casa para que nada mais ali vingasse, mas ele era o mais pobre, o menos importante do movimento dos Inconfidentes. Como matar um Cláudio Manuel da Costa, ou a figura imponente, fidalga de Tomás Antônio Gonzaga? Na Faculdade foi pior. Teses de pós-graduação punham em dúvida mesmo sua morte trágica. Ele teria fugido para a África e escapado do castigo execrável.

Decepcionada, infeliz, detestei a nova realidade que se apresentava. Depois foi durante uma visita às Cidades Históricas de Minas. A certa altura, o professor de Literatura Brasileira, que fazia o tour conosco, disse: "Daquela janela, Marília namorava o seu Dirceu, que residia logo acima...". Todos os versos, as líras do livro "Marília de Dirceu" vieram-me à cabeça, a doçura, a pureza do grande amor dos dois personagens famosos. E o professor completou: "Marília, cujo nome, na verdade era Maria Dorotéia, não amava Dirceu. Hoje ela seria chamada de "carreirista", uma jovem quase adolescente, muito ambiciosa, atraída pela fortuna, fidalguia e pelo status de Gonzaga, o elegante português quaren-

tão. O professor tripudiou sobre minha tristeza. O nosso Dirceu também não a amava tanto assim. Logo que o movimento libertário foi descoberto pelos portugueses, o poeta escafedou-se para a África e depois de muito ludibriar a justiça, casou-se com Juliana, mulher quase analfabeta, de pai riquíssimo, e de poeta passou a próspero negociante, até aos 66 anos, quando faleceu.

A vida desbotou-se, ficou mais feia, Víboras da dúvida picaram-me o coração, envenenando-o. Com certeza, Romeu e Julieta não morreram jovens, pelo seu amor impossível, Abelardo não foi castrado, Heloísa nunca entrou para o convento. D. Pedro teria mesmo arrancado leoninamente o coração do assassino de sua adorada Inês de Castro, a que depois de morta foi rainha? Dante amou a vida toda sua Beatriz, vista de relance em uma janela? Não morreu Fedra, de amor, pelo seu Hipólito? Orfeu desceu mesmo aos infernos e resgatou Eurídice da morte?

Um mar de dúvidas. Tudo ficção. Lições falsas de beleza para que se engula a realidade insulsa, insípida, tediosa. Uma lástima. Um pesadelo.

De repente, a incerteza virou a maldita Hidra de Lerna, com suas cabeças hiantes. E o Cristo? Quantas versões surgirão ainda sobre a figura amada, tão carismática? Ali-cerçando-se nessa hipótese, escritores modernos têm publicado best-sellers com versões esdrúxulas sobre o chamado Messias.

Infeliz, com a alma cabisbaixa, argumentei com meus botões: Não seremos nós mitos, heróis da ficção de Deus? E quando o Diabo nos desmascarar, com sua sarcástica lucidez, diante do Senhor? O que sobrar da magnífica Criação?

Ely Vieitez Lisboa é escritora.
E-mail: elyvieitez@uol.com.br

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 140,00

Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0

- agência 0719-6 - Banco do Brasil

Envio de comprovante, com endereço completo, para linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -

Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão -

Aulas Particulares

Cel.: (11) 97382-6294 - soninhaabou@gmail.com



FRAGMENTOS DE UMA INVESTIGAÇÃO ONTOLÓGICA

Ronaldo Cagiano

Escrevemos para nos auscultarmos, para entender o que vem dentro de nós. Maria Gainza ("Hotel melancólico")

Escobar (Editora Moinhos, BH, 2021) marca em grande estilo a incursão de Márwio Câmara pelo romance, após a sua bem-recebida estreia com o volume de contos **Solidão e outras companhias** (Ed. Oito e Meio, 2017), que já sinalizava um autor a mapear histórias e personagens permeados por dilemas, conflitos e obsessões.

Nessa curta e pungente novela, Márwio aprofunda seu mergulho em questões que abordam personagens atingidos íntima e socialmente pelas suas circunstâncias, mas lutando contra seus fantasmas, no limite tênue entre fronteiras que o desconfortam espiritual e psicologicamente.

A geografia de uma intimidade desértica e desestabilizadora de um protagonista no fio da lâmina existencial é percorrida com grande destreza verbal e metafórica, na medida em que o autor cria um painel de idiossincrasias para refletir sobre os cacós da experiência trágica do personagem, o que funciona como gatilho para a exploração dos passivos emocionais de um ser em permanente desassossego.

Tendo como pano de fundo que baliza toda a história a morte e o luto pelo desaparecimento trágico do amigo do jornalista Escobar, o autor constrói uma trama permeada de sutilezas poéticas e estilo depurado. Num percurso labiríntico em que é forte a presença da intertextualidade, de diálogos concisos e diretos e um flerte com os signos da arte, Márwio, com inegável perícia narrativa, conduz o leitor a uma viagem estética permeada de questionamentos e reflexões sobre a própria condição humana. Temas ancestrais como o afeto, as conveniências delimitadoras das relações sociais, o advento de uma paixão misteriosa por R. e vetada pelas circunstâncias, os embates e dúvidas de Bruno com sua sexualidade, uma criatura ensimesmada, nostálgica e

reprimida pelos códigos morais e os desejos aprisionados vão compondo um espectro tão atávico à natureza humana desde o primórdio dos tempos.

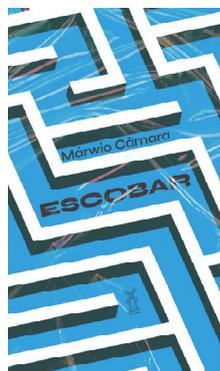
O livro é perpassado por certo hibridismo, uma prosa heterodoxa, pois desenvolve-se como um caleidoscópio de gêneros. Por força de recursos de que se utiliza, habilidosamente, o autor empresta ao seu projeto ficcional recursos semânticos que conferem ao texto frescor e liberdade criativa, na medida em que cenários e situações vão sendo deslindados em forma fragmentária – incorporando poesia, ensaio literário, diário, olhar fotográfico, analogias, flagrantes cinematográficos – marcas de um exercício estético

que caracterizam não só esse trabalho, mas de um modo geral a incursão de Márwio pelos amplos territórios de sua trajetória como professor, crítico e escritor, centrado principalmente na prospecção de um olhar multidisciplinar sobre a genética do próprio texto.

Ao abrir **Escobar** com uma epígrafe de Roland Barthes o autor desnuda a chave para a compreensão de sua urivesaria e estende o fio de Ariadne para conduzir-nos por esses escaninhos e palimpsestos por meio de uma leitura delicada, mas cirúrgica, sobre os atalhos e dúvidas do amor, sobre as dores e delícias que condicionam o homem, colocando-nos frente a frente com os mistérios e a concretude do mundo que nos habita e do insondável que abrigamos.

E a linguagem se faz também personagem nesse romance, caudatária desse processo catártico de descobertas e questionamentos, pois é o próprio autor de *Fragmentos de um discurso amoroso* que nos ajuda com seu farol a empreender, como Márwio, uma profunda imersão nesse drama de densa e tensa humanidade: "A linguagem é como uma pele: com ela eu contacto os outros. Eu me interesso pela linguagem porque ela me fere ou me seduz."

Ronaldo Cagiano é escritor, poeta, crítico literário, advogado, contista e ensaísta.



Jardinagem

Flora Figueiredo

Podar galhos, aparar as heras, os tufos transbordantes de primavera. Secar as ervas daninhas, proteger os ninhos das passarinhas, tirar o mato que engole as flores sem nenhum recato.

Não rastelar as folhas caídas que são o logotipo do momento finito, o anúncio da partida.

Regar os bulbos, plantar nos sulcos, adubar os talos que bailam no vento.

Ficar atento

pois que o viço da vida está nos intervalos.

Flora Figueiredo é escritora, cronista, poeta, jornalista, tradutora e compositora. Autora de *Chão de Vento*, *Limão Rosa*, *Florescência*, entre outros livros. Exerceu o cargo de Vice-presidente da Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil.

NOVENTA E TANTOS ANOS

José Peixoto Júnior

Este amontoado de anos que carrego
Empresta-me semblante envelhecido,
Não espelha um viver mui bem vivido
Nem expressa a medida do meu ego.

Renitente à velhice, não me entrego,
Surdo, a falações não dou ouvido,
Ando alheado a muito acontecido
Pois partes de conversas já não pego.

Vivo bem, ambiente aconchegante,
Tenho a presença dos meus a todo instante
E a fartura de amigos à vontade;

Nada me falta, pois nada desejo,
Permaneço à mercê do certo ensejo
De perdurar apenas na saudade.

José Peixoto Júnior é escritor, advogado, membro da Academia de Letras de Garanhuns, Sociedade Brasileira de Estudo do Cangaço e ex-presidente da Associação Nacional de Escritores.

Sebo Brandão São Paulo

Fazemos encadernações

Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandaosp@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>



O CAFÉ NO ROMANCE – APONTAMENTOS

Rui Ribeiro

Se o visgo do cacau e o melão da cana de açúcar impregnam, quase com exclusividade, a respectiva ficção de Jorge Amado e José Lins do Rego, o aroma do café trespassa de romances de múltiplos autores. Catalogar a obra fragmentada sobre “a história da onda verde que digere florestas virgens”, na expressão de Monteiro Lobato, foi tarefa árdua a que se dispôs Fernando Góes, em estudo incluído no livro **O espelho infiel** (1966), a que chamou de “Notícia (incompleta) sobre a literatura do café”. Percorrendo o mesmo caminho, procuraremos revisitar algumas das produções ficcionais analisadas e incluir outras que ficaram à margem, ou que apareceram depois.

A primeira manifestação literária sobre a rubiácea seria de Luiz da Silva Alves de Azambuja Suzano com **O capitão Silvestre e Frei Veloso, ou a plantação do café no Rio de Janeiro** (1847), que é na realidade uma narrativa histórica, pois lhe falta a trama característica do romance. A avassaladora incorporação da rubiácea à paisagem rural fluminense e paulista não passaria despercebida aos prosadores do período romântico. São ambientados em fazendas das províncias do Rio de Janeiro e de São Paulo os romances **O tronco do ipê e Til**, de José de Alencar, embora haja neles apenas referências a “cafezais em flor e bagos cor de rubi”. Mais amplas seriam as considerações do Visconde de Taunay (1871) em **A mocidade Trajano** (1871) com destaque a cenas dos escravos na faina do cultivo do café. A consolidação do hábito do consumo da bebida está registrado em **O ermitão de muquém** (1869) onde Bernardo Guimarães descreve refeição frugal num pouso de tropeiros, em que: “Por fim tomou-se o café (...) o verdadeiro café (...) aromático e balsâmico (...) cujos deliciosos vapores aquecem o cérebro e expandem suavemente o coração”. O polêmico romance **A carne** (1888), de Júlio Ribeiro, ressalta a economia cafeeira trazida pela exportação do produto através das casas comissárias que funcionavam como bancos financiadores do produtor. A paisagem da fazenda de terra roxa onde transcorre a discu-

tida história se estende por matas cerradas, casa de colonos e outras instalações comuns a propriedades rurais, avultando, sobremaneira, imensos “... cafezais alinhados, regulares, contínuos, como um tapete verde negro escuro estendido pelo dorso da morraria.”

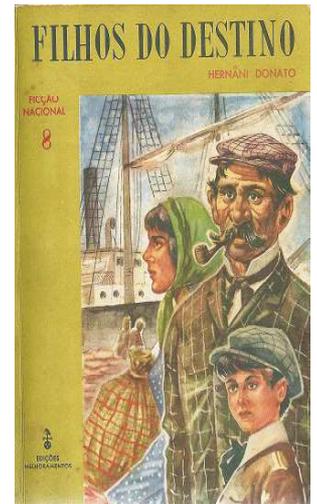
Durante as primeiras décadas da República a literatura do café atinge nova fase, já com o advento do imigrante europeu em substituição ao trabalho escravo. Publicado em 1914, **Redenção**, de Veiga Miranda retrata quadros comuns em fazendas cafeeiras paulistas, como conflitos entre os camponeses primitivos e os recém-chegados imigrantes italianos.

São proprietários rurais intelectualizados os personagens principais de **Flama e Argila** (1920), de Menotti Del Pichia. A alta dramaticidade da fabulação se desdobra em cenas de paixão, traições, tragédias, atos de insanidade, em verdadeiras batalhas entre o instinto e a razão. Descrições bem conduzidas em linguagem fluente destacam a derrubada da floresta virgem, a abertura das covas para a plantação das mudas; a “florescência branca” do cafezal, “arbustos cobertos como o que por uma neve estrelada que houvesse caído do céu”; a festa da colheita pelos colonos, “...carretelas rechinando, baleando o fundo ao peso do café.”

Escrito em 1922, mas só publicado em 1934, **Terra Roxa**, de Rubens do Amaral, constitui o mais abrangente romance sobre o tema. Pela riqueza de informações técnicas registradas, o livro poderia ser classificado como monografia. Para dar-lhe cores de narrativa ficcional, entretanto, o autor recorreu à urdidura de enredo em torno da estada, por três meses, de jornalista carioca em uma propriedade rural, acompanhado de seu dono, um paulistano culto e aristocrático. A narrativa tem como cenário a fazenda Santa Josefa, localizada no bairro de Água Vermelha, município de São Carlos. Inserido no cotidiano da vida do campo, o visitante assimila, pela observação e pelo contato com a para exportação. Descritos com minudências, a colheita, a peneiração, o transporte, a lavagem e secagem dos grãos envolvem a participação de todos os colonos em rotina habitual. O beneficiamento re-

presenta a fase final do processo e mereceu crônica imaginosa do jornalista, enviada ao seu jornal sob o título de História de um grão de café. Nos encontros frequentes do proprietário da Santa Josefa, seu hóspede e fazendeiros vizinhos, além dos eternos assuntos ligados ao café, acontecem discussões, por vezes fastidiosas, sobre fatos históricos, econômicos, sociais, políticos e étnicos. Na manhã seguinte a uma noite fria de São João, acontece a temida geada, a “geada grande de 1918”, que atingiu todo o estado paulista. Na sua volta ao Rio de Janeiro, o jornalista levaria na memória as imagens do espetáculo de “... pastos, cafezais, matas a perder de vista, tudo só imenso, cintilante lençol de neve...” e a fusão dos cristais pelo aquecimento posterior do sol, crestando a folhagem dos cafeeiros. Testemunhou o desespero de fazendeiros que perderam tudo e o consolo de poucos que conseguiram salvar parte de preciosa safra em áreas não atingidas. O farto material colhido no período por certo lhe propiciaria oportunidade para uma série de artigos na imprensa sobre as fases complexas do cultivo do café, desconhecidas da maioria dos leitores.

Descendente de imigrante, Hernâni Donato mescla ficção e história em **Filhos do destino** (1951), romaneando o período que vai de 1895 a 1932 na região cafeeira de Botucatu, onde nasceu. A narração percorre a trajetória de uma leva de imigrantes, iniciada no desembarque no porto de Santos. Dificuldades de toda a ordem cercam os recém-chegados, principalmente a comunicação na língua local e a precariedade da habitação que lhes fora designada – uma senzala. Até seus nomes foram modificados pelo abasileiramento: Giaco-



mo passou a ser Jacó, Michele foi substituído por Migué, Schimidt ficou sendo Chimite. Viria aos pouco a adaptação, acontecendo até permuta de costumes: aderiram à cachaça e ao cigarro de palha e, em contrapartida, legaram o macarrão, a polenta e legumes desconhecidos pelo caboclo. Movimentam as cenas, fazendeiros prepotentes, comerciantes, golpistas, atravessadores, mascates e muitos dos antigos colonos transformados em sitiantes. Direta ou indiretamente, o café e a terra estão no centro das relações entre os personagens. Pela diversidade de sua composição, a obra serve de referência a várias áreas do conhecimento.

No preâmbulo de **Recuo do meridiano** (1948/1960), João Pacheco alerta que não se trata de romance do café, mas sim da história de Cazuza Sodré. A rubiácea porém está presente em muitas de suas páginas e nas atitudes do personagem principal. A primeira parte da ação transcorre em Jaú, meados de 1927, período em que o município era um dos maiores exportadores do grão. Nos clubes, estabelecimentos comerciais e logradouros públicos, que conservam os mesmos nomes

Manchetes em Versos

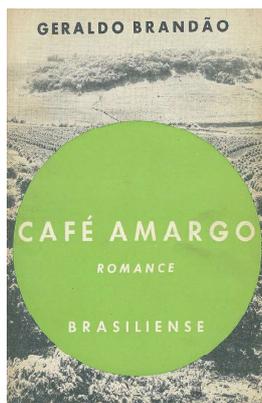
Rosani Abou Adal

Capa e o projeto gráfico de Xavier

Prefácio de Raquel Naveira



Sebo Brandão: <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr/rosani-abou-adal-manchetes-em-versos-1920679020>

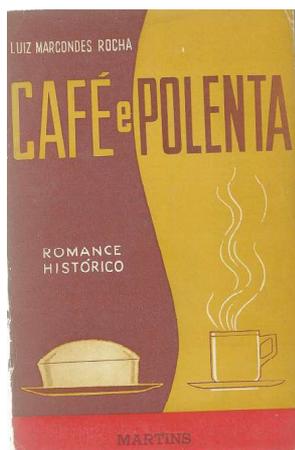


até hoje, o assunto entre fazendeiros, corretores, comerciantes gira sempre em torno da previsão da colheita, expectativa de preços e transações envolvendo compra e venda de propriedades rurais produtoras. Personalidade ambígua, Cazuza Sodré tem constantes lucrações mentais. Evocando feitos heróicos de seus antepassados, desbravadores de sertões e plantadores de cidades, planeja e executa realizações que o enalteçam perante a comunidade. Hesita entretanto em tomar decisões banais. De fazendeiro, transforma-se em proprietário de casa comissária em Santos. Com a crise do café, liquida seus negócios e transfere-se para Marília, então no auge da produção e comércio do algodão.

Ambientado no centro e no noroeste do estado de São Paulo, **Café amargo** (1968), de Geraldo Brandão, retrata fase conturbada na economia cafeeira, entre a terceira e sexta década do século passado. Tem como protagonista principal um agricultor do oeste paulista, senhor poderoso de propriedade com 80 mil cafeeiros. Como professor que foi nas regiões focalizadas, o autor se vale de observações pessoais para compor ficção verossímil. Registra a trajetória da família autoritária do fazendeiro, do apogeu ao declínio econômico e social. Toda uma geração descendente do cafeicultor prepotente, parece não acreditar nas mudanças operadas no meio em que vive. Acostumados ao mando e a ostentação, beberrões sem estudos nem profissão, os membros da numerosa prole são absorvidos pelo poderio crescente de pequenos comerciantes estrangeiros e de antigos colonos enriquecidos. Associados em sucessivos negócios frustrados, coberto de dívidas e rebaixados no status social, os irmãos não perdem a empáfia nem mesmo

ao serem obrigados a recorrer a empregos medíocres para o sustento de suas famílias.

O romance histórico **Café e polenta** remonta ao período de 1889 a 1963. Tem como protagonista principal um fazendeiro do oeste paulista, dono de imenso latifúndio plantado com cafezais. Austero por natureza, submete a propriedade a uma disciplina rígida, com fiscalização severa dos horários de trabalho e do comportamento dos colonos, na maioria italianos, e dos demais empregados. Acontecimentos corriqueiros da pequena localidade interiorana compõem o restante do enredo. Entrelaçando a ficção, o autor descreve o panorama histórico, econômico e político do país, com intervenções do governo na produção e exportação do café em suas crises constantes.



Alem do romance, o café está presente na poesia e nos demais gêneros literários, formando amplo mosaico que sempre comportará ampliações. Nova peça lhe foi acrescentada em 2010 com *O último cafezal*, de Domicio Pacheco e Silva. O autor recorreu a fragmentos de memórias familiares e exaustiva pesquisa para desenvolver narrativa repleta de aventuras que atingem passado recente. Dentre as histórias vividas pelas gerações antepassadas, sobressai a de dois casais cafeicultores do século XIX, um de imigrantes pobres, que enriqueceu, e outro de origem nobre, empobrecido. O mesmo destino de outros súditos do rei café.

Rui Ribeiro é escritor, crítico literário, advogado e membro da União Brasileira de Escritores. Autor de Águas Fugazes.

Ah, se fora hoje...

Alice Spíndola

Naquela rua,
 todos sabem
 que somos nós dois,
 o casal que passa,
 abraçado
 de modo sempre igual.
 Teu braço
 em volta da minha cintura,
 o meu braço contorna
 as tuas costas.

Sentindo o cheiro
 de tua roupa,
 os olhos sabendo
 do que tu pensas,
 ambos sorrindo
 de tanta felicidade.

Tenho saudade, ainda,
 daquele abraço,
 dos cochichos no ouvido,
 da certeza
 de um amor tão pleno,
 por um instante apenas.

Alice Spíndola é escritora, poeta, contista, tradutora e artista plástica. Graduada em Letras Anglo-Germânicas pela Universidade Católica de Goiás. Detentora do Prêmio Nacional Jorge Fernandes (Rio de Janeiro) e do Prêmio Auta de Souza, de Macaíba, Rio Grande do Norte.

SE EU NÃO TIVESSE...

Débora Novaes de Castro

Se eu não tivesse, a ti, amado tanto
 como te amei nas plagas do meu sonho,
 bem sei ser neve a derreter, no entanto,
 mais se debruçam palmas que antepocho.

Se eu não tivesse, a ti, amado tanto
 como anuncia um tempo tão risonho,
 jamais teriam, versos, tal encanto,
 nem tanto zelo, o poema que componho.

A ti, amor, eu devo a excelsa lira,
 o espanto de viver, dor, alegria,
 rastros de luar, sonhos tão amados.

Das pedras do caminho, ergue-se a pira,
 fogo a crepitar arde à revelia...
 mirra de minha alma, elos perfumados!

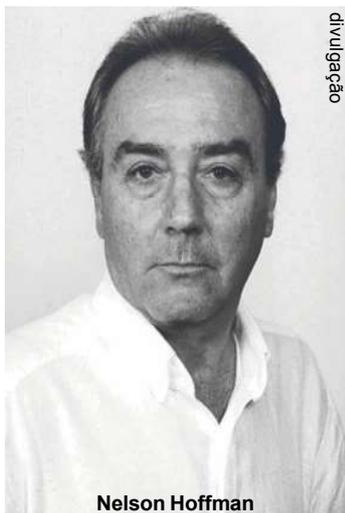
Menção Honrosa - Poesia Soneto: SE EU NÃO TIVESSE...
 I CONCURSO DE TROVAS E POEMAS "ELIANE MARIATH" –ALAP - 2021
 Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 2021.

Débora Novaes de Castro (Débora de Castro) é escritora, artista plástica, poeta e Mestre em Comunicação e Semiótica – Intersemiose na Literatura e nas Artes, pela Puc-SP, 2004.



Escritores partiram para o além

Nelson Hoffman, escritor, romancista, cronista, novelista, advogado, professor e contabilista, faleceu no dia 23 de março, em Roque Gonzales, vítima de câncer. Nasceu no dia 19 de Dezembro de 1939, em Roque Gonzales (RS). Editor do jornal *Nhecuano*. Foi o primeiro Secretário do Município de Roque Gonzales. Homenageado com a denominação da Casa de Cultura Nelson Hoffmann, oficializada por Lei. Foi agraciado com os troféus "Amigo do Livro" (da Casa do Poeta), "Igaçaba" (da Igaçaba Produções Culturais), "O Missioneiro" (da AMM – Associação dos Municípios das Missões), entre outros. Autor de *A bofetada*, *O homem e o bar*, *Onde Está Maria?*, *Quando a bola faz a história*, *Eu vivo só ternuras*, *Este Mundo é Pequeno*, entre outras importantes obras. Traduzido nos Estados Unidos, França e Itália. Publicado no Uruguai e em Portugal.



Nelson Hoffman

Ilma Fontes, escritora, poeta, cineasta, agitadora cultural, médica legista, psiquiatra e jornalista, faleceu aos 75 anos, no dia 3 de abril, em Aracaju (SE), vítima de câncer. Nasceu em 10 de abril de 1947 em Aracaju (SE). Foi editora do jornal *O Capital*, produtora, roteirista e diretora de filmes e curtas. Autora de *Melhor de Três – Roteiros para Cinema e A Fúria da Raça* – Roteiro para *Seriado de TV*. Dirigiu o Departamento de Produção da TV Educativa de Sergipe. Exerceu os cargos de Presidente do Conselho Municipal de Cultura e da Funcaju; e de Vice-Presidente do Conselho Municipal de Cultura. Foi membro do Conselho Estadual de Cultura e do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher.

Manolo Florentino, historiador, professor e escritor, faleceu no dia 12 de março, no Rio de Janeiro, vítima de parada cardiorrespiratória. Nasceu em Baixo Guandu, Rio de Janeiro, em 1958. Estudioso dos fenômenos relacionados à África e à escravidão no Brasil; e especialista em história da escravidão nas Américas. Foi professor do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Exerceu o cargo de presidente da Casa de Rui Barbosa. Manolo Florentino publicou, pela Editora Unesp, *Em costas negras: Uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*, *A paz das senzalas: Famílias escravas e tráfico atlântico c.1790 - c.1850* - em coautoria com José Roberto Góes - e *Trabalho compulsório e trabalho livre na história do Brasil*, em coautoria com Ida Lewkowicz e Horacio Gutiérrez.

Contardo Calligaris, escritor, contista, dramaturgo, psicanalista, romancista, roteirista e ensaísta, faleceu no dia 30 de abril, em São Paulo, vítima de Covid. Nasceu em 2 de junho de 1948, em Milão, Itália. Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de Provença (França). Foi colunista semanal na *Folha de S. Paulo*, professor de Antropologia na Universidade da Califórnia em Berkeley (Estados Unidos) e de Estudos culturais na The New School em Nova Iorque. Autor de *O conto do amor e A mulher de vermelho e branco*, *Hello Brasil*, *Terra de Ninguém*, entre outras importantes obras.

Carvalho Junior, escritor, poeta, professor, ativista cultural e gestor público, faleceu aos 35 anos, no dia 30 de abril, em Caxias (MA), vítima de Covid. Autor de *Mulheres de Carvalho*, *A Rua do Sol e da Lua*, *Dança dos disticos*, *No alto da ladeira de pedra* e *O homem-tijubina & outras cipoadas entre as folhagens da malícia*. Membro da Academia Caxiense de Letras e da Academia Sertaneja de Letras, Educação e Artes do Maranhão. Foi agraciado com o Troféu Nauro Machado no I Festival Maranhense de Conto e Poesia (Universidade Estadual do Maranhão, 2015).

OLHOS DE RESSACA

Raymundo Farias de Oliveira

A vida era uma festa
olhávamos o mundo
com olhos de ressaca
A festa era de arromba
parecia não ter fim...
De repente chegou a peste
a peste do coronavírus
e aí tudo se modificou
até a lua ficou triste...
não pode haver aglomeração
máscara esconde o sorriso
abafa a voz e a beleza
O defunto não pode contar
com todos familiares e amigos
na hora sagrada do adeus...
Vai embora com poucos soluços
e sem lenços enxugando lágrimas
Meu Deus
quanto horror temos que suportar!
A vida era uma festa
olhávamos o mundo
com olhos de ressaca
pois a festa era de arromba
parecia não ter fim...

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta, cronista e procurador do Estado aposentado. Autor de *Sob o Céu de Jerusalém*, *Poemas da Madrugada*, entre outras obras.

Pentagrama Imaginário

para Luiz Melodia

Rosani Abou Adal

Ermo. Pausa.
Multidão. Silêncio.
Solidão. Revolução.
Coração sem dono,
sem pátria,
repleto de cores,
sonhos e mistérios.
Clamamos pela paz.
Democracia não há
no verde semitonal.
Sementes e flores brotam
entre o céu e o mar.
Melodias fluem num sopro.
Neumas e Kyries
repletos de êxtase.
Flor e espinho
a codificar o silêncio.
Paz e espírito unidos
na escala de Dó maior
elevam a alma
a outra dimensão.
Somos pétalas a ceifar
o imaginário solitário.
Botões renascem
em nossos ventres.

Rosani Abou Adal é jornalista, poeta, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo. Autora de *Manchetes em Versos*. www.poetarosani.com.br

SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO CARICATURADO!!!

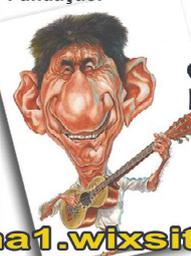



Foto enviada pelo próprio Fagner de sua Fundação.



CARICATURAS ILUSTRAÇÕES.

Xavier
(14) 3733-9568
(14) 99161-0675
(11) 97958-6182

xavierdelima1.wixsite.com/xavi



África

Celine Abdullah Lê Masimo Della Justina

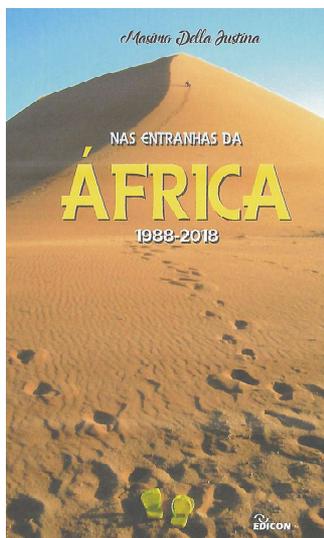
A leitura de um texto do amigo e mestre João Barcellos acerca de “Nas Entrinhas Da África”, do professor Masimo Della Justina, com chancela da Edicon (Brasil), levou-me a solicitar o original digitalizado.

Foi uma festa literária e historiográfica. Existe muita estória sobre a África, mas esta é uma história. Verdade, foi o mesmo que Barcellos sentiu para escrever o seu texto “África, ah, África! – esse pedaço geossocial que nos é berço e início de muitas caminhadas...”. O professor Masimo Della Justina, da Pontifícia Universidade do Paraná (Brasil) e graduado pela London School of Economics (London-UK), regista com objectividade em seu livro uma crónica/estudo de rara profundidade sociopolítica e poética [“Vento sagrado, espírito santo/ Verbo que se faz carne/ Vida no além”]. Li trechos vários para uma secção de jovens moçambicanos e caboverdeanos durante um encontro de docentes e pude ver a alegria de se verem retratados com a moldura da verdadeira África [“O que foi, o que é, o que virá a ser/ Palavra”, idem], pois que vivem ainda uma cultura oral riquíssima.

Para quem deseja conhecer a África antes de encontrá-la, este livro não é um objecto, é uma lição sem subtilzas historiográficas!

(Texto no português original e contra o Acordo Ortográfico, como desejo da Autora.)

ABDULLAH, Celine - Técnica Química. Moçambique, 2021.



A ABIGRAF acredita que a leitura é um direito para todos.

Diga **NÃO** ao imposto do livro.

Juntos somos mais fortes!

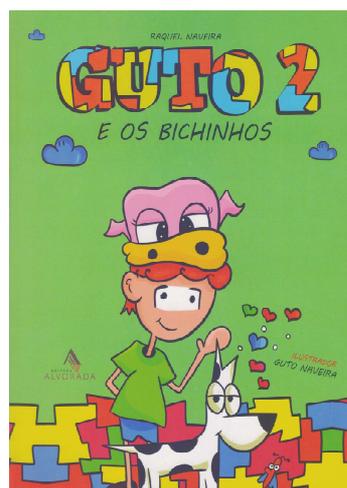
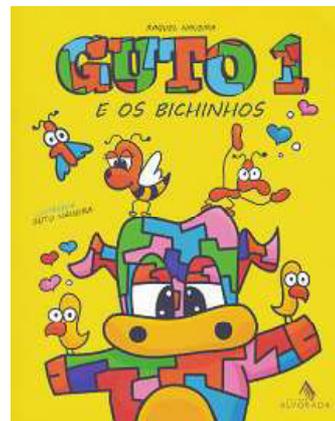
Livros de Raquel e Guto Naveira

Guto 1 e os bichinhos e Guto 2 e os bichinhos, literatura infantil, de Raquel Naveira, Editora Alvorada, Campo Grande (MS), 60 páginas.

ISBN: 978-85-8176-039-1 e 978-87-8176-041-4.

As capas e as ilustrações são de Guto Naveira.

Raquel Naveira é escritora, poeta, cronista, professora, Doutora em Literatura Francesa e Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo. Membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e do Pen Clube do Brasil. Exerceu os cargos de diretora da União Brasileira de Escritores



e de vice-presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Foi finalista do Prêmio Jabuti.

Guto Naveira é artista plástico e faz trabalho em que mistura cartoon com grafite: um pop art contemporâneo.

O texto lapidado de poesia interage com a plasticidade dos desenhos em perfeita harmonia. Mãe e filho - a escritora e o artista - dialogam com as lembranças da infância, com as formas, cores, com a poesia e os desenhos. O conhecimento, a vivência, a natureza transcendem o papel e a vida e, assim, eternizam a infância e o amor.

Editora Alvorada:

www.editoraalvorada.com.br

Raquel Naveira:

raquelnaveira@gmail.com

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS. 2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.



Alfredo Bosi, escritor, Professor Emérito da Universidade de São Paulo e membro da Academia Brasileira de Letras, faleceu no dia 7 de abril, vítima de Covid, em São Paulo. Nasceu em 26 de agosto de 1936, em São Paulo.

Foi Professor Titular de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo, Professor da Cátedra Sérgio Buarque de Holanda de Ciências Sociais, Professor Emérito do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo e professor visitante da École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris.

Autor de *História Concisa da Literatura Brasileira, Entre a Literatura e a História, O ser e o tempo de poesia, Ensaio de crítica literária e ideológica, Dialética da Colonização* (prêmio Casa Grande & Senzala e prêmio da Crítica de melhor ensaio do ano 1992), *Literatura e Resistência, Machado de Assis, O enigma do olhar* (Jabuti para melhor ensaio em 2000), *Brás Cubas em três versões, Ideologia e contraideologia*, entre outras importantes obras.

Exerceu os cargos de presidente do Centro de Defesa dos Direitos Humanos Dom Paulo Evaristo Arns e da Comissão de Ética da Universidade de São Paulo, de diretor do Instituto de Estudos Avançados da USP e de editor da Revista *Estudos Avançados*.

Foi membro do Conselho Editorial da Edusp, da Comissão de Justiça e Paz e da Comissão do Código de Ética da Universidade de São Paulo e do Conselho Diretor do Instituto Cultural Italo-Brasileiro.

Coordenador do Programa "Educação para a Cidadania" do IEA-USP, Coordenador da Comissão de Defesa da Universidade Pública e Coordenador da Cátedra Lévi-Strauss, do IEA-USP em convênio com o Collège de France.

Agraciado com Ordem do Mérito Cultural, outorgada pelo Ministério da Cultura. Laureado com o Prêmio Casa-Grande & Senzala 1993, com a obra *Dialética da Colonização*, pela Fundação Joaquim Nabuco.



divulgação

Alfredo Bosi

Maria Tereza Campos Arruda, doutora em *Linguística Aplicada*, lançou *Projeto de Vida* pela Editora Saraiva. A obra é destinada ao ensino médio com o objetivo de contribuir para a formação pessoal e profissional dos alunos.

1º Festival Cine Vídeo De Poesia Falada, promovido pelo Studio Fulinaima Produção Audiovisual, prestará homenagem a Carvalho Junior, de 1 a 31 de Maio de 2021. Organizado por KINO3 (Artur Gomes, Jiddu Saldanha e Tchello d'Barros), em parceria com o poeta e amigo Salgado Maranhão. Os interessados em participar deverão gravar um vídeo falando alguma poesia do homenageado. Enviar até o dia 25 de abril, pelo e-mail portalfulinaima@gmail.com. Informações: Fulinaima MultiProjetos pelo whatsapp (22) 99815-1268.

Mary Jo McConahay lançou *América Latina sob Fogo Cruzado* pela Editora Seoman, selo do Grupo Editorial Pensamento. A autora apresenta um mapa das batalhas por riquezas e recursos produzidos na América Latina, usados pelas nações envolvidas na Segunda Guerra.

A Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio, com o Selo Cátedra 10 – 2020, agraciou 76 obras nas categorias Distinção Cátedra, Seleção Cátedra e Coleção Clássicos Cátedra. Lúcia Hiratsuka foi laureada com título Hors Concours, com *A máquina de retrato* (Editora Moderna).

Sérgio Giacomelli lançou o romance *D'Angelo - O Viajante de Conca*, pela Vereda Editora, que mescla história e ficção num cenário de pós-guerra com lindas paisagens da Itália.

História Natural, publicado pela Editora Unesp, abriga uma seleção de textos originais organizados e traduzidos por Isabel Coelho Fragelli, Pedro Paulo Pimenta e Ana Carolina Soliva Soria.

A Livraria São José, dirigida por José Germano, localizada na Rua da Quintada, 67, no Rio de Janeiro, a mais antiga e tradicional da cidade, encerrou suas atividades. Fundada há 85 anos, especializou-se em direito.

O Salão do Livro de Paris cancelou a edição de 2021 em decorrência das medidas sanitárias impostas pela pandemia. O Salão retornará as atividades em 2022.

Alexandra Loras e Maurício Oliveira lançaram, pela Matrix Editora, o livro-caixinha *Vamos falar de racismo: 100 perguntas para discutir preconceito e gerar conscientização* que abriga 100 cartões com perguntas relacionadas ao tema.

A Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha será realizada de 14 a 17 de junho, com visita presencial. Também será realizada a BolognaBookPlus, conferência profissional que abrigará cursos de treinamento sobre direitos autorais e um workshop de tradução.

Ruy Sodré lançou *Os Heróis Brasileiros* pela Editora JH MIZUNO. A obra reúne mais de 70 nomes que marcaram a história do país como Tiradentes, Santos Dumont, Zumbi dos Palmares, Machado de Assis e Anita Garibaldi.

José Roberto de Oliveira, membro da Academia de Letras de Vila Velha (ES), lançou *Poesias e crônicas poéticas...um viés existencial* pela Scortecci Editora.

Isabel Cintra lançou *Corvo-Correio*, pela Mazza Edições, com temas sobre diversidade e preconceito, com versões em inglês e alemão.

Márcia Rosa, escritora e poeta, participou da antologia poética *Interlúdio Poético*, coordenada pela editora Cássia Oliveira, publicada pela editora Recanto das Letras. A obra reúne cerca de 70 participantes que procuram trabalhar - este longo período de isolamento devido ao corona vírus - com sugestividade e originalidade, para que, como o próprio título propõe, "... depois da tempestade vem a calma, nova alvorada, interlúdio para uma nova estação."

Padre Fábio de Melo lançou *A hora da essência* pela Editora Planeta. O autor analisa a importância de reconciliar-se com si mesmo e valorizar a vida antes que seja tarde demais.

Machadiana Eletrônica disponibilizou para leitura a edição de *A Sereníssima República*, em <https://periodicos.ufes.br/machadiana/article/view/34995/23180>

A Jornada de Leitura 6.0, promovida pelo Observatório do Livro e da Leitura, realizada de 7 a 9 de abril, abordou a importância de ler para o envelhecimento saudável. Com a coordenação de Galeno Amorim, contou com a participação de Célia Parnes, Tomas Freund, Danilo Miranda, Claudia Ajzen, José Renato Nalini, Leonardo Abrahão, Jorge Felix, Paulo Lins, Pedro Bandeira, Stepan Nercessian, Carlos Tramontina, Ana de Hollanda, Vovó Neuza, Egídio Lima Dórea, Oswaldo Faustino, Karla Giacomim, Rosângela Marcondes, Ana Maria Pereira, Ana Santana, Giselle Massi e Galeno Amorim. Vídeo disponível em <https://youtu.be/v14qngqF4gA>.

Notícias

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

